



## **Os Fantasmas de Juana Inés: Fantasmagoria e Alegorias nos Poemas de Sórora Juana Inés de La Cruz**

Gracinda Vieira Barros<sup>1</sup>

A monja Juana Inés de La Cruz não só desenhou seu espaço numa elite letrada pertencente aos homens, na Nova Espanha do século XVII, como também em meio a essa sociedade patriarcal e fechada à produção intelectual da mulher, se apoderou das formas masculinas da cultura, usando a teologia como arma política, e utilizando com maestria os conceitos escolásticos, a sutileza, a ironia e a abstração.

Seu poema principal e mais ambicioso, o “*Primero Sueño*”, foi escrito por volta de 1685, quando Sórora Juana beirava os quarenta anos de idade. É um poema filosófico que narra a peregrinação da alma pelo espaço enquanto seu corpo dorme. Esse poema, como já observado por Octávio Paz, é uma alegoria ao ato de conhecer, suas dificuldades, as vacilações e ousadia.

### **1. O sonho**

Para Walter Benjam, a alegoria não é apenas uma forma estética comum ao barroco, mas faz parte de sua própria configuração. Para ele, a teorização da alegoria é fundamental para o entendimento desse gênero. No poema “*Primero Sueño*” o corpo dorme e durante o sonho, a alma percorre o espaço, as esferas supra-lunares, em um trajeto ascendente em direção ao conhecimento, que se apresenta no cume de uma pirâmide. O ambiente descrito é nebuloso, repleto de sombras, incerto como seu próprio caminho intelectual:

---

<sup>1</sup> Mestranda em Estudos Literários, pelo programa de Pós-Graduação em Letras da Faculdade de Letras da Universidade federal de Juiz de Fora.



A alma peregrina durante toda a noite, pelos caminhos sombrios ou estrelados do universo em sua busca pelo saber, esse saber que estava à frente de seu tempo, e era maior do que a religião poderia oferecer. No cenário imaginado por Sórora Juana é constante a presença de ruínas, que para Benjamin, é a alegoria central da imagem barroca, representando a instabilidade da vida humana e sua insignificância frente ao divino. No caso do poema de Sórora Juana, a ruína mostra a incapacidade do ser humano de apreender o conhecimento universal. Diante dessa impossibilidade, o sol desponta e alma acorda

## 2. Dupla Transgressão

Juana Inés era filha natural. Esse fato não apenas contribuiu decisivamente para sua escolha pela carreira religiosa, como marcou de forma substancial muitas de suas obras. Em sua poética, o tema fantasmagórico é recorrente. Segundo Octávio Paz, Juana tinha consciência de que Pedro Manuel de Asbaje, o amante de sua mãe, e pai desaparecido, era um ausente que não retornaria, mesmo antes de sua provável morte em 1691.

A ausência e o abandono irrevogável da figura masculina ecoa em seus poemas amorosos, que giram em torno de figuras esfumaçadas, sombras e imagens moldadas pelo desejo e pela memória. Nas líras 96, 211, 213 ela fala a um amado morto, a uma figura, que assim como o pai, era um ausente que não retornaria.

A morte é para Benjamin a grande fantasmagoria barroca, representando a perda de todas as coisas. A morte ocupa um papel paradoxal no corpus barroco: é ao mesmo tempo o sinal da fragilidade e a salvação. Isso explica inclusive porque Benjamin utiliza a alegoria como uma chave metodológica, ela mata o objeto em seu significado original e ao mesmo tempo devolve-lhe a vida através de uma nova significação.

Em seus poemas, Juana Inés, transfigura a ausência do pai como viúva que chora o marido morto. Fantasia essa, que inverte o modelo clássico de Freud no complexo de Elektra, onde a menina mata simbolicamente a figura da mãe, para substituí-la. Octávio Paz caracteriza esse ato simbólico de sórora Juana como uma “dupla transgressão”<sup>2</sup>. A menina mata o pai assumindo a figura masculina, a figura do intelectual, visto que o conhecimento

---

<sup>2</sup> PAZ, Octávio. *Sórora Juana Inés de la Cruz: As armadilhas da fé*. São Paulo, Ed. Mandarim: 1990.



tinha em sua época possuía o caráter essencialmente masculino, ao mesmo tempo em que no campo psíquico ela se torna amante/viúva do espectro do pai, realizando assim, a identificação com a mãe, viúva ilegal de Asbaje.

### **Considerações Finais**

Se, como defende Benjamim, a alegoria é um outro dizer que traça um contorno onde é exprimido a lamentação da natureza, do reprimido e recalcado, os poemas alegóricos de Sórora Juana desempenham exatamente essa função de criação e catarse. Como viúva ela chora publicamente o abandono paterno, como amante ela expõe a complexa relação com o masculino que sempre viveu: os sentimentos de ciúmes da mãe, a falta do pai e a paixão pelo conhecimento de caráter absolutamente masculino.

Em “*Primero Sueño*” a ânsia pela busca a esse conhecimento deixa claro que Sórora Juana não se interessava apenas pelo saber da religião, mas possuía o desejo de avançar pelo desconhecido. Tal atitude de busca, fora dos limites da sociedade e da Igreja, especialmente no caso de uma mulher só seria possível através da expressão alegórica.

### **Referências Bibliográficas**

- BENJAMIM, Walter. *Origem do Drama Barroco Alemão*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- DE LA CRUZ, Sor Juana Inés. *Obras Completas de Sor Juana Inés de la Cruz*. (4 volumes.). México: Fondo de Cultura Económica, 2004.
- PAZ, Octávio. *Sórora Juana Inés de la Cruz: As armadilhas da fé*. São Paulo: Ed. Mandarim, 1990.
- RAMA, Angel. *A Cidade das Letras*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1998.